

A PERSPECTIVA DO QUILOMBO SOB O OLHAR DA ESCRITORA NEGRA BEATRIZ NASCIMENTO

Patrícia Batista dos Santos (Pós Crítica\UNEB)¹

Resumo: Trata-se de uma investigação, do ponto de vista da escritora Maria Beatriz Nascimento, sobre as territorialidades negras, os lugares comunitários e arredores dos centros das cidades, como presença de quilombo. A autora era sergipana, mas migrou com sua família aos sete anos para o Rio de Janeiro. Fez graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde iniciou seu ativismo e militância. É considerada uma das pioneiras dos movimentos negros e da luta pela igualdade racial, especialmente da vida da mulher negra. Faleceu em 1995, vítima do companheiro de uma amiga que sofria agressões e Beatriz a incentivava para o fim do relacionamento. As discussões de Beatriz sempre foram em volta do lugar do negro na sociedade, e o quilombo para ela representava esse espaço de sociabilidade, resistência e existência, onde negras e negros poderiam se sentir realmente como pessoas livres que procuravam se organizar conscientemente.

Palavras-Chave: Quilombo. Intelectualidade. Mulher negra.

INTRODUÇÃO

As inquietações para pesquisar Maria Beatriz Nascimento vieram através de suas representações como mulher, intelectual negra que lutava pelo povo negro com sua voz feminina e que militou especialmente em defesa das mulheres negras. A autora é uma das figuras que se destacaram durante o século XX no Brasil em razão de seus estudos. Ela levantou discussões pertinentes que fizeram parte de sua época e até hoje repercutem na sociedade brasileira, como, por exemplo, o seu conceito sobre a representação do quilombo, a intelectualidade negra e a condição da mulher na sociedade brasileira, especialmente a mulher negra. Dessa forma, é relevante falar, discutir e combater todas as formas de violência, sendo que a própria Beatriz também foi vítima dela.

A literatura afro-brasileira é diferente das consideradas canônicas, por ser marcada por uma escrita que representa a voz silenciada de uma população negra, a qual foi responsável em construir a riqueza do Brasil com seu trabalho braçal. Sem qualquer política criada depois da “liberdade”, os negros não tiveram oportunidade para a educação, moradia e trabalho, para que vivessem dignamente. Através dessa literatura, o leitor pode despertar para o desenvolvimento intelectual, aguçando sua percepção crítica. Segundo Gomes (2010, p. 28), “A literatura assume um papel fundamental, pois, a partir do contato com o texto, o gosto pela leitura pode ser despertado como uma prática de reflexão social”. Desse modo, é importante não deixar no esquecimento a voz de uma mulher nordestina e negra que lutou para que todos tivessem as mesmas oportunidades, independente da cor ou gênero. Por isso, é pertinente saber como a intelectual e historiadora Beatriz Nascimento representa a população negra em sua literatura, colocando em foco sua noção de quilombo. Diante disso, temos como objetivos entender o quilombo como uma representação da resistência e da luta dos negros e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Bolsista pela CAPES. Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. Endereço eletrônico: patryciapires822@gmail.com.

dos brancos oprimidos. É uma perspectiva de vida, ainda que as circunstâncias estiverem contrárias; é um lugar de liberdade e individualidade do povo preto e também do indígena e do branco pobre e oprimido. Além disso, trata-se de reconhecer na trajetória de vida de Beatriz Nascimento a relação entre vida/obra e a importância de seu trabalho como pesquisadora e escritora.

1 UM NOVO OLHAR PARA O QUILOMBO

Sobre o continente africano pensa-se, ainda em nossos dias, ser um lugar remoto, de misérias e catástrofes naturais ou um lugar que se resume somente às belezas naturais das savanas africanas, com seus animais selvagens e exóticos. Isso, na maioria das vezes, nos é mostrado pelas mídias sociais e pelos meios de comunicação de massa. Muitos desconhecem que África é uma continente, considerado como o berço da civilização e não é formado apenas por povos de pele negra e sim por diversos países, que tem suas peculiaridades entre seus povos e etnias. Alguns acreditam que só com a chegada dos europeus se iniciou uma história nos países africanos. Assim também acontece com a história do povo negro, ela é considerada a partir de um resultado significativo através da representação da sociedade ocidental. Desse modo, o negro corre um grande risco da perda de sua verdadeira identidade, tanto no seu lugar de origem, quanto nos lugares a que foram forçados a estarem por conta do absurdo tráfico de pessoas. Por várias vezes e de diversas maneiras o negro foi persistente para preservar a sua personalidade distinta e individual.

O negro foi trazido para o Brasil por meio do tráfico negreiro. Tratou-se de africanos de vários países que deixaram para trás seu convívio familiar e toda uma vida de costumes e tradições. Mas os negros, mesmo sendo oprimidos pela escravidão e depois com sua libertação, se organizavam por meio de atividades que expressavam sua língua, religião, política, costumes e tantas outras coisas e demonstravam sua persistência para ser entendida sua história no Brasil. E o quilombo é um desses lugares tanto no contexto coletivo quanto no contexto público. Em uma entrevista dada por Beatriz Nascimento na Quinzena do Negro na Universidade de São Paulo em 1977, organizada pelo professor Eduardo de Oliveira e Oliveira, a historiadora diz que o quilombo é (1977, p. 126),

[...] uma condição social, fundamentalmente uma condição social, quer dizer, ele não se esgota no militarismo, na guerra em relação aquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até agora, essa... sabe? A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita.

Desse modo, fica claro que, para Beatriz, o quilombo é um conceito chave. Ainda segundo a escritora (1977), é no quilombo que o negro se reúne, e ao chegar no Brasil há uma separação por

conta do colonialismo, e ele se separa como indivíduo, como comunidade e como conhecimento, porque existem muitos quilombos no Brasil e em todo mundo e cada um com suas peculiaridades. A palavra quilombo é um nome de designação negra que quer dizer união e sempre que o negro estiver se reunindo e se juntando, para Beatriz (1977), ele estará criando um novo quilombo. Na formação intelectual de Beatriz, a sua base de direção está relacionada, com certeza, ao quilombo com o negro sendo o personagem principal de coletividade e de resistência.

2 A INTELLECTUALIDADE NEGRA BRASILEIRA

Muitos intelectuais negros e negras tiveram visibilidade em sua época; outros vem conquistando a cada dia o seu espaço na sociedade atual, e alguns deles e delas ainda vivem à margem do silenciamento e por trás disso estão várias táticas para fazer com que esses intelectuais se calem. Por exemplo, táticas como: alegar o exagero pelas questões negras e a distância pela teoria do conhecimento; o compromisso no ativismo negro envolvendo os fatores de segurança da pesquisa; a falta de preparo dos intelectuais negros quando relacionados à capacidade dos brancos e tantas outras alegações. E, em se tratando de Brasil, um país com várias etnias de maior parte negra, situações como essas não podem passar despercebidas. Como bem observou Duarte (2013), a realidade é que o afrodescendente na literatura brasileira aparece mais como assunto e não como autor de sua história, mesmo com essa realidade sendo mudada a cada dia. Realidades como essas constituem-se em motivo e sugestão de pesquisa.

E, em se tratando da intelectualidade da mulher negra, fica ainda mais difícil. Segundo hooks (1995, p. 467), “Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas”. O trabalho da intelectualidade da mulher negra segue enfrentando o sexismo e o machismo, apesar dela já ter conquistado e continua conquistando o seu espaço na sociedade e nos espaços acadêmicos, ainda assim nas universidades a hegemonia tanto do indivíduo branco e branca e também do indivíduo negro, são maioria, e o trabalho da intelectual negra precisa ser ainda mais reconhecido. Portanto, muitos caminhos precisam ser percorridos para que o trabalho da intelectual negra seja ainda mais respeitado e divulgado. Assim, Ratts (2006, p. 29) complementa:

Uma mulher negra que se torna pesquisadora e elabora um pensamento próprio nos parâmetros acadêmicos, inspirada da vida extra muros da universidade como a fazia Beatriz Nascimento, rompe com esse processo de invisibilidade no espaço acadêmico. Uma mulher negra pesquisadora jamais é imperceptível no campus, mas talvez o seja enquanto autora.

Assim como os indivíduos que já são reconhecidos e representados nas academias, no caso de escritoras, historiadoras, antropólogas, poetisas e professoras como Beatriz Nascimento, que fizeram e

fazem toda diferença nas universidades e em outros espaços da sociedade, também elas representam as mulheres e intelectuais negras. Algo que não podemos deixar de mencionar e que é de extrema importância para a visibilidade e igualdade de todos e todas nos espaços acadêmicos é o sistema de leis e cotas, as políticas públicas por onde muitos intelectuais negros e principalmente as negras já conseguiram alcançar o seu espaço e mostrar sua capacidade. Mas, ainda há muita coisa para ser alcançada e conquistada para que um dia todos tenham seu reconhecimento sem distinção de cor ou gênero e que isso seja uma realidade para as universidades do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com urgência que devemos mostrar o quanto Beatriz Nascimento precisa ser visibilizada, pois a cada dia percebemos o seu desaparecimento. Prova disso é o seu aparecimento apenas como nota em algumas revistas, por exemplo, alguma escritora fez um comentário de outra escritora e através desta, aparece uma pequena nota sobre Beatriz, ela que contribuiu e continua contribuindo muito com seus temas sempre atuais e pertinentes para a sociedade, mesmo seus escritos e estudos sendo bruscamente parados na década de 1990 por consequência de sua morte precoce. Como mulher nordestina e intelectual negra, diante de uma sociedade machista e preconceituosa, Beatriz atuou como ativista, pesquisadora, poeta e historiadora, buscou posicionar-se contra a literatura elitista, incluindo em seus escritos as minorias e nesse contexto buscou escrever rompendo com os ditames. E sempre colocando o negro como protagonista de sua história. Portanto, a história de um país pode ser reescrita com lutas e representações. É nessa perspectiva que a pensadora Beatriz Nascimento precisa ser estudada e divulgada enquanto protagonista dessa literatura atuante e militante: literatura afro-brasileira. Assim, espera-se que a autora em voga ganhe mais visibilidade em vários lugares, principalmente nas escolas públicas e instituições acadêmicas, nas quais ela atuou como professora e pesquisadora. Beatriz foi brutalmente assassinada, no entanto, cabe a nós estudante e pesquisadores não deixarmos sua voz ficar no silenciamento.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Eduardo Assis. O negro na literatura brasileira. *Navegações*, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul.-dez. 2013.

GOMES. Carlos Magno. Leitura e estudos culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v.12, n. 16, p.25-44. Fev. 2017. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 21 out. 2018.

hooks, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 464-478, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 10 out. 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. [1942-1995]. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição*. Maria Beatriz Nascimento. São Paulo: Diáspora Africana: Ed. Filhos da África, 2018.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.